

EMILY GIFFIN

Primeiro
Único

Tradução: Amanda Moura





Eu deveria ter pensado em Deus. Ou no sentido da vida. Ou deveria simplesmente ter lamentado o fato de que a minha melhor amiga, naquele momento, era órfã de mãe, e o fato de que a minha mãe perdera sua melhor amiga. Em vez disso, me peguei com os olhos cravados no caixão de mogno lustroso forrado com camadas generosas de seda creme e criticando, em silêncio, o batom da Sra. Carr, cuja cor rosa-neon não combinava com o seu vestido coral, o mesmo que ela usara no casamento de Lucy, cinco anos atrás.

Porém, mais problemática do que o tom do batom foi a maneira como ele fora aplicado. Alguém, ignorando completamente o que seria o padrão de beleza, passou o batom por fora do contorno dos lábios, como se tivesse a intenção de deixá-los mais carnudos. Era uma ilusão de ótica que jamais enganaria alguém e que pareceu completamente desnecessária, dadas as circunstâncias; afinal de contas, ninguém tiraria fotos num dia como o de hoje. Nada daqueles álbuns profissionais cheios de fotos entre família e amigos fazendo pose com a Sra. Carr, que ficaria na posição horizontal, à frente de todos e no centro. Na verdade, todo aquele ritual de enfeitar um cadáver e deixá-lo para exibição no funeral, com o caixão aberto, me pareceu, de repente, ridículo. Definitivamente, a cremação era a melhor opção de todas. Era dessa forma que *eu* preferiria partir a ter de correr o risco de fazê-lo num daqueles dias ruins. Sem marido nem irmão, depois de algum tempo, criei mentalmente uma mensagem para transmitir os meus votos

finais a Lucy. Ela era realmente a única pessoa que deveria falar. Além disso, Lucy assumiu a tarefa; era como um comitê absoluto sem membros dissidentes; pelo menos não houve ninguém que ousasse falar.

— Precisa de alguma coisa? — sussurrei para ela, furando a fila interminável de amigos, familiares e estranhos que apareceram para dar os pêsames. Nunca tinha visto tanta gente em um funeral, e, somada a todas as outras pessoas que chegaram na noite anterior para o velório, aparentemente toda a população da nossa pequena cidade tinha aparecido.

— De um lenço — ela respondeu. Diferentemente dos últimos três dias, seus olhos estavam secos, mas, ao que parecia, ela estava à beira de um novo colapso, seus olhos azuis abatidos. Retirei um lenço do bolso e lhe entreguei, o que mais uma vez me fez lembrar o seu casamento, quando permaneci à sombra dela, vigilante, fornecendo balinhas de menta e pó compacto.

— Mais alguma coisa? Água? — perguntei, pensando o quanto era bom me sentir necessária pelo menos uma vez e lamentando aquele grande rito de passagem que transformaria a nossa dinâmica habitual.

Lucy balançou a cabeça quando voltei para a segunda fileira de bancos, onde ela pediu que eu me sentasse, junto aos meus pais. Ela estava a par de todos os detalhes — desde os assentos, à seleção de músicas e às orquídeas brancas no altar —, e foi por esse motivo que ela, surpreendentemente, não prestava atenção ao batom da mãe ontem à noite, no velório, quando ainda havia a oportunidade de corrigi-lo. Pelo menos eu esperava que ela não tivesse notado, pois, devido a toda essa eficiência, Lucy fora amaldiçoada pela capacidade impeditiva de se debruçar até mesmo sobre os assuntos mais triviais por um período de semanas e, às vezes, anos. Como o rancor que ela fazia questão de sustentar contra Angel, a cabeleireira de sua mãe que se atreveu a se ausentar durante essa semana num cruzeiro para o Caribe. Num discurso inflamado, Lucy disse que, não fosse para arrumar o cabelo de sua mãe falecida, então que Angel tivesse comparecido pelo menos em sinal de respeito àquela que havia sido sua melhor cliente. Refletindo comigo mesma, pensei que Angel deveria ter se permitido uma folga; claro que suas férias tinham sido planejadas havia meses e, logística-

mente, deve ser muito difícil sair de um navio em um espaço de tempo tão curto. Mas não fazia muito o tipo de Lucy pegar leve com alguém, especialmente quando se tratava de sua família, presente ou não, viva ou morta.

Como sua amiga mais antiga e próxima, fui beneficiada com a sua extrema lealdade e, desde então, memorizei muito bem as suas regras. Não havia nada que não estivesse muito claro, nem a possibilidade de uma segunda chance, nem mesmo quando eu conseguia reunir meu próprio perdão ou a minha indiferença; para Lucy, que se mantinha firme nas suas crenças, não importava. *Você está morta para mim.*

E lá estava ela de novo. A morte. Estremeci ao pensar na finalidade de tudo aquilo, praguejando contra o câncer que tirou a vida da Sra. Carr após exatos dez meses, sem apresentar nenhum sintoma até que já fosse tarde demais. Ao admitir que a oração não se parecia nem um pouco com andar de bicicleta, abaixei a cabeça e permaneci em silêncio, conversando comigo mesma, palavras desajeitadas, me esforçando ao máximo para não questionar a existência de Deus enquanto ao mesmo tempo lhe fazia pedidos. *Por favor, ajude a Lucy a encontrar uma maneira de ser feliz sem a mãe.* Parecia um pedido difícil de ser atendido, e era provável que o fato de Lucy ter uma filha, Caroline, que acabara de completar 4 anos e que era pequena demais para presenciar um funeral ou para algum dia se lembrar de Gigi, aumentou ainda mais o sentimento de perda. A nova geração era um lembrete constante de tudo o que a Sra. Carr perderia. Aniversários, referências, todos os momentos decisivos da vida que seguiriam adiante, sem ela.

Voltei o meu olhar e as minhas preces para Lawton, irmão de Lucy, um solteirão despreocupado e que vivia debaixo da asa da mãe. Ele estava de pé, ao lado da irmã, enxugando o rosto com um lenço que provavelmente a Sra. Carr tinha providenciado para ele, antevendo que esse dia chegaria. Ela havia feito muitos preparativos e planos ao longo dos últimos meses, incluindo um pedido que fez sob o efeito de morfina para que Lawton e eu nos casássemos. *Matamos dois coelhos numa cajadada só,* disse ela, uma expressão não exatamente lisonjeira nem otimista. Isso não aconteceria. Lawton não fazia o meu tipo e eu fazia muito menos o tipo dele, mas,

diante do pedido dela, sorri e disse que me empenharia nisso, enquanto Lucy brincou dizendo que todo casal precisa de pelo menos uma pessoa adulta. Olhei para o sol que irradiava pelo vidro manchado por detrás do altar, me perguntando se a Sra. Carr estava lá em cima, em algum lugar, nos observando. Em caso positivo, será que ela conseguia ler a minha mente? Na dúvida, mandei o meu último adeus a ela, sentindo a minha garganta apertada e seca. Em seguida, fechei os olhos e balbuciei “Amém”, ciente da omissão óbvia da minha oração: o *treinador Carr*.

Quando ergui a cabeça novamente, ele estava bem na minha linha de visão, saindo do outro lado do caixão e caminhando em direção ao banco na minha frente, com as mãos para trás, cruzadas, da maneira como ele caminhava quando se retirava do jogo. Ouvi um suspiro quando ele se sentou, perto o suficiente para que eu tocasse o seu ombro, estendesse a minha mão e me inclinasse um pouquinho. Mas eu mal conseguia olhar para ele, e havia semanas que não conseguia, mesmo quando passava rapidamente pela casa deles com alguma comida congelada que só precisa levar ao forno e um engradado de cerveja Shiner Box. Eu sabia que o treinador Carr estava arrasado, e a simples ideia de olhar para ele num momento tão delicado era insuportável, tanto quanto olhar para uma daquelas fotos de soldados e bombeiros que recebem premiações, segurando bebês no colo e chorando depois de alguma catástrofe. Eu acreditava piamente que é sempre mais difícil estar na pele daquela pessoa da relação que fica para trás, sobretudo quando se pensa que está no caminho certo para que os dois sejam felizes para sempre.

A história entre o treinador Carr e Sra. Connie Carr começou, de maneira muito apropriada, na Universidade Walker, a faculdade que leva o mesmo nome da nossa pequena cidade, ao norte do Texas, onde ele era o *quarterback* e estrela do time e ela, a mais bonita entre as líderes de torcida. Exceto na temporada em que ele jogou para o Colts, logo depois que Lucy e eu nascemos, os Carr nunca saíram de Walker. O treinador trilhou seu caminho e subiu os degraus até chegar à sua posição atual, e passou de técnico dos *quarterbacks* a técnico-auxiliar do time júnior, e agora ao cargo de técnico principal — e o mais vitorioso — da história do Bronco.

O treinador Carr era uma espécie de divindade em nossa cidade, em todo o estado do Texas e no mundo do futebol americano universitário, que passou a ser o único mundo com o qual eu realmente me importava. Connie já era uma estrela por si só. No entanto, ela era mais do que a esposa elegante do treinador. Connie trabalhava incansavelmente nos bastidores, arrecadava fundos para o time, era administradora, organizadora de eventos, terapeuta, mãe de aluguel. Acompanhava até o hospital os jogadores contundidos, participava de jantares sofisticados, tinha de atender aos grandes bajuladores e conseguia acalmar os ânimos de todos os lados envolvidos. Connie fazia com que tudo se parecesse extremamente fácil, com sua grande dose de charme e gentileza, mas eu sabia o quanto o trabalho exigia dela e quão solitária ela se sentia às vezes. Quando o treinador não estava fisicamente ausente — participando de torneios ou mesmo fora, recrutando alguém —, muitas vezes ele se ausentava mentalmente, obcecado pelo seu time. Ainda assim, a Sra. Carr nunca titubeou em oferecer o seu apoio ao marido, e, sinceramente, não sei o que ele faria sem ela.

Respirei fundo, sentindo o cheiro familiar da loção pós-barba Pinaud da Clubman. Bastaram algumas moléculas no ar para que o gatilho de certas lembranças fosse disparado. Lucy e eu, sentadas no escritório dele, brincando de algum tipo de jogo de tabuleiro enquanto ele elaborava tabelas complexas e diagramas de jogo. Nós três íamos no banco da frente da picafe dele, eu punha a mão para fora da janela enquanto ouvíamos música country e a estação de rádio esportiva. Lucy e eu ficávamos espiando o vestiário, não para olhar os garotos sem camisa (embora tenhamos feito isso, também), mas para ouvir o discurso inflamado do treinador depois do jogo, deliciosamente recheado de palavras. O discurso era muito parecido com o sermão que ele me deu na sua sala de estar quando eu tinha 17 anos, logo depois que os policiais decidiram que não me prenderiam por dirigir bêbada e me deixaram na casa dos Carr. *Treinador, posso ficar aqui?* Ainda consigo me lembrar do jeito como me olhou — foi pior do que passar a noite na cadeia.

Me permiti olhar de relance para ele, que estava de perfil, e fiquei com receio do que encontraria, mas me senti aliviada ao ver que ele parecia mais firme e forte do que nunca. Não se parecia nem um pouco com um

viúvo. Ele tinha seus 55 anos, mas aparentava ser mais novo graças à sua cabeça cheia de cabelo, à pele morena e à estrutura forte. Por anos, pensei “não é justo” toda vez que via os pais de Lucy juntos. A Sra. Carr era bonita e lutava contra a idade com tanto empenho quanto lutou contra a morte, mas seu marido ficava com uma aparência cada vez melhor, do jeito que sempre acontece com boa parte dos homens. E agora... Agora realmente não era justo. Foi uma reflexão muito apropriada para a cerimônia de um funeral — as injustiças da vida e da morte —, e eu me senti aliviada por manter uma sequência de pensamentos adequada, se aquilo não fosse mesmo uma oração.

Mas no segundo seguinte, quando pensei em futebol americano, o pêndulo balançou para a direção oposta. Lucy dizia que eu só pensava em futebol, o que estava muito próximo da verdade, pelo menos antes de a Sra. Carr ficar doente. Mesmo depois, escapei para o jogo que eu amava e sabia que o treinador fez o mesmo, o que enfureceu Lucy, porque ela não compreendia o que estava acontecendo. Ela me perguntava, em meio às lágrimas, como o pai poderia se importar tanto com a contratação de um novato ou mesmo se preocupar excessivamente com vencer um jogo. Será que ele não via quão pouco aquilo importava? Tentei explicar que o trabalho dele era uma distração, a única coisa sobre a qual ele ainda exercia algum controle. O futebol era nossa pedra de toque. Algo no qual poderíamos nos agarrar como a luz no fim do túnel que brotava em Walker, no Texas, nossa pequena versão de Camelot.

Alguns segundos depois, Lucy e Lawton se sentaram ao lado do pai, e vê-los assim, os três juntos, em vez dos quatro, foi mais do que eu poderia suportar. Senti um nó na garganta quando o órgão começou a tocar. Notas altas e tristes preencheram a igreja. Entre um acorde e outro, pude ouvir minha mãe chorando baixinho e ver Lawton e Lucy enxugando os olhos. Olhei ao redor para não chorar, para poder olhar para qualquer outra coisa que me distraísse até começar o funeral .

Avistei meu namorado, Miller, que tinha jogado no time do treinador anos atrás, durante a minha fase ruim, de pé no corredor com alguns ex-companheiros de time. Todos eles pareciam confusos com seus ternos desajei-

tados e sapatos lustrados, desacostumados com as reuniões do Walker que não fossem comemorações, como os encontros universitários promovidos depois dos jogos, desfiles e jantares de gala. Miller acenou para mim, fazendo um gesto com dois dedos e sorrindo discretamente enquanto se abanava com o folheto distribuído para a cerimônia. Desviei o olhar, fingindo não vê-lo. Em parte porque eu sabia que Lucy não o aprovava. E também por ainda ter um sentimento de culpa porque, quando ela me ligou para dar a má notícia, eu estava na cama com Miller e havia deixado a campainha do celular no modo silencioso, sem a intenção. Mas fingi não vê-lo principalmente por não ser o momento apropriado para acenar para o namorado, ainda mais quando não se tem muita certeza de que o ama.

— Nada de gentilha na minha casa — declarou Lucy imediatamente depois do enterro, enquanto marchava pelo gramado na direção do recém-lavado Tahoe de Neil. Eu sabia que era só uma questão de tempo para que a sua tristeza se transformasse em raiva, e, para ser sincera, fiquei até surpresa que tenha demorado tanto para isso acontecer. O treinador uma vez brincou dizendo que Lucy tinha apenas dois modos de operar: feliz ou irritada.

— Defina gentilha — perguntei, porque eu realmente não sabia o que ela queria, a não ser pelo fato de ela criar uma lista mais ampla do que eu em se tratando dessas categorias.

— Empresários. Patrocinadores. Fãs. Todos os jogadores, tanto os atuais quanto os ex. Exceto o Ryan. Mamãe adorava o Ryan — concluiu ela em tom definitivo, apertando o cinto do seu casaco longo preto.

A Sra. Carr realmente adorava Ryan James, que por acaso foi o único vencedor do Troféu Heisman do Walker, mas ela também adorava cada jogador da reserva que nunca jogava e os novatos que entravam para o programa. Troquei um olhar aflito com Neil, que calmamente disse o nome de sua esposa.

— Não vou falar duas vezes — retrucou ela em voz baixa. — Fui bem clara. Já chega. Só a família e os amigos mais íntimos.

— E como planeja conseguir isso? — perguntou Neil, olhando ao seu redor para a multidão de pessoas conhecidas que caminhavam formando um círculo ao redor do jazigo da família Carr. Ele empurrou os óculos retrô

demasiadamente grandes (o tipo de óculos que só se pode usar quando se é tão jovem e bonito quanto Neil), ajustando-os no osso nasal, e acrescentou: — Metade da cidade já está a caminho.

— Não ligo. Eles não deveriam nem estar no cemitério. Que parte de “cerimônia privada” eles não entenderam? E eles não vão entrar na casa. Não mesmo. Diga a eles, Lawton — ordenou Lucy, virando-se na direção do irmão.

— Dizer o quê para quem? — indagou Lawton, parecendo completamente desorientado, inútil como sempre.

— Diga a Shea e a Neil que agora é um momento só para a família e para os amigos íntimos — retrucou ela, mais para o nosso bem do que para o dele. Depois, levou a mão aos cabelos para se certificar de que nenhum fio tinha escapado do seu coque muito bem enrolado e baixo. E é claro que não tinha.

— Mas eles se consideram da família, Lucy — intervim, e pude ouvir a Sra. Carr dizendo isso agora, referindo-se aos estranhos como parte da “família Walker”.

— Bem, é uma ofensa — resmungou Lucy, tropeçando às vezes, quando a ponta do salto afundava na grama fresca. Neil deslizou um braço pela cintura dela e a agarrou, e eu fiquei pensando no quanto teria sido pior se ela estivesse no meu lugar, sem contar com o apoio de ninguém. — Estou farta dessas pessoas que agem como se isto aqui fosse o churrasco do lado de fora de um maldito estádio de futebol americano. E, se eu vir mais alguém com gravata azul-turquesa... Quem é que usa gravata azul-turquesa para um funeral? — Sua voz vacilou assim que Miller, com sua gravata de listras, na cores azul-turquesa e dourada, veio correndo em nossa direção com uma expressão quase alegre. Olhei-o bem dentro dos olhos e balancei a cabeça, mas ele mal percebeu o meu gesto.

— Ei, Shea! Espere aí! — gritou. Foi quando notei que ele não só estava usando as cores da faculdade como também estava com um broche dos Broncos preso na lapela onde estava escrito “Turma de 2001”. Não sei como ele havia conseguido guardar aquela coisa por mais de dez anos, ainda mais porque já tinha perdido a carteira duas vezes desde que começamos a namorar.

Lucy virou-se, comparando seu corpo pequeno com o 1 metro e 93 centímetros de Miller.

— Desculpe, Miller — disse ela, com o queixo tremulando. — Quer cantar o hino do time para nós? Ou quem sabe apenas reviver os dias de glória de quando você era... relevante?

— Ei, ei, moça. O que eu fiz pra você? — resmungou Miller, seus instintos emocionais à altura do seu senso estético. — Por que me chamou de *desrelevante*?

— Irrelevante, Miller, e não confunda com *incuidado*, que, a propósito, também é uma palavra que não existe. Estou te chamando de irrelevante porque é o que você é. — Lucy meneou os dedos longos e delicados, fazendo floreios no ar.

— Então, tudo bem — respondeu Miller, com as bochechas ainda mais coradas que o habitual, e as costeletas encaracoladas úmidas de suor apesar do clima frio naquele dia de fevereiro. Eu já havia lhe pedido para cortar o cabelo, mas ele não deu ouvidos.

— Só quero dizer que sinto muito. Muito mesmo. Pela sua família. Pela sua perda. Eu gostava muito da sua mãe. De verdade. Ela era uma mulher incrível.

Sei que a declaração foi sincera, mas Lucy se recusou a ceder. Preparei-me ao vê-la cruzando os braços e dizendo:

— Ah, por-fa-vor, Miller. A única perda com a qual você realmente se preocupou em toda a sua vida foi quando estava jogando contra o Nebraska e se atrapalhou bem na linha de quatro jardas porque estava chapado de tanta cocaína.

— Eu não estava *chapado*. Eu só... deixei a maldita bola cair. Deus do céu.

Mordi o lábio inferior, chocada ao ver que Lucy se recordava do jogo e até do número de jardas. Mas ela havia errado o resto. Foi T.C. Jones quem foi pego no teste antidoping depois do jogo, e não Miller, que nunca usou cocaína e preferia mil vezes o efeito da maconha. Para falar a verdade, considerando a sua expressão, mais apática do que o normal, provavelmente ele tinha fumado esta manhã. Talvez até mesmo dentro do carro, a caminho daqui.

— Lucy — chamou Neil, deslizando o braço do cotovelo dela para o antebraço e conduzindo-a gentilmente até o carro. Como psiquiatra infan-

til, ele tinha um efeito calmante sobre a maioria das crianças agitadas e a capacidade rara de tranquilizar Lucy. — Vamos. Venha, querida.

Ela não respondeu; simplesmente entrou no carro com graça, cruzou suas pernas finas e esperou até Neil fechar a porta. Enquanto Lawton desabava no banco traseiro, Lucy ficou olhando para a pulseira de pérolas que pertencera à sua mãe.

— Você vai com a gente? Ou com os seus pais? — perguntou-me Neil.

Olhei para trás na direção dos meus pais enquanto caminhavam até o carro da mamãe. Embora fossem divorciados há muito tempo, os dois fizeram um sacrifício e conseguiram se comportar como duas pessoas civilizadas, e, para o meu alívio e surpresa, meu pai havia deixado a esposa em Manhattan.

Pela janela entreaberta, Lucy respondeu por mim:

— Nem uma coisa nem outra. Quero que ela vá com o meu pai. É melhor que ele não dirija sozinho. Anda muito teimoso — declarou ela, me encarando. — Tudo bem, Shea?

Hesitei.

— Faça isso. E, por favor, confira se ele está usando o cinto de segurança. Uma morte na família já é demais — ela acrescentou enquanto eu olhava para a encosta e avistava o treinador Carr em meio a um amontoado de gente de terno escuro.

— Não acha que ele vai preferir ficar sozinho? Tenho certeza de que ele não vai querer conversar...

— Bem, com você é diferente. Ele realmente gosta de conversar com você — retrucou ela, me cortando.